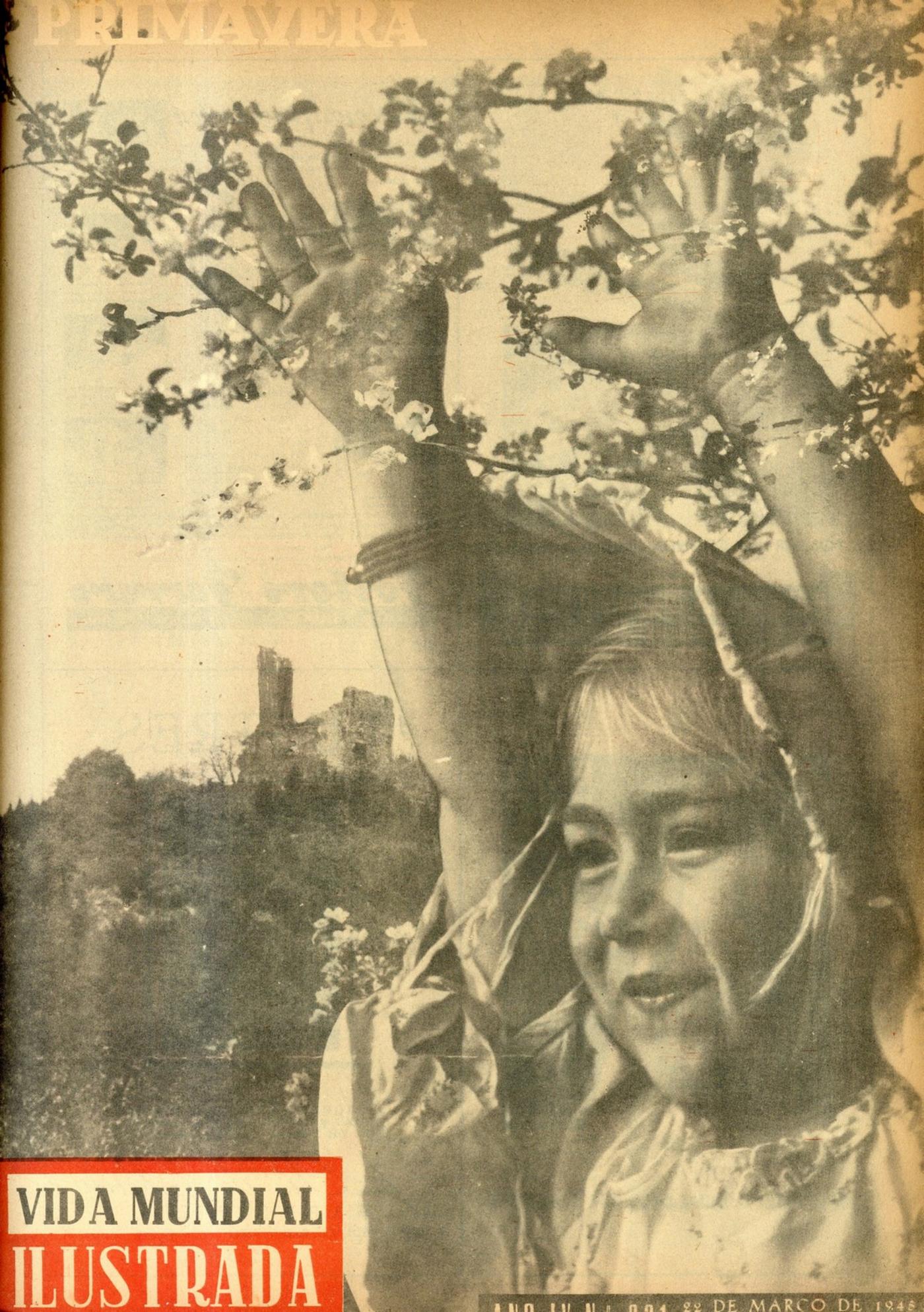


PRIMAVERA



**VIDA MUNDIAL
ILUSTRADA**



UM LINDO SONHO DE MULHER...



...POSSUIR UMA COSINHA MODERNA COMPLETA

DA

FABRICA PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 37-49 - TELE. 2 4948



**FRIO
LUZ
RÁDIO
CASA**
*José
Costa*
AGENTE OFICIAL
PHILIPS
R. S. PAULO, 11/13
LISBOA - TEL. 24888

SEJA CLIENTE DUMA CASA QUE SERVE BEM

¡Nervosos!; Esgotados!

O excesso de trabalho, as preocupações, a vida dinâmica, produziram um desgaste no seu sistema nervoso, a parte mais nobre do organismo.



Os desgostos familiares são muitas vezes resultantes do desequilíbrio dos nervos



Os ruídos, sempre molestos, tornam-se insuportáveis quando os nervos estão alterados



A enfermidade, o cansaço ou o abatimento podem vencer-se alimentando intensamente o sistema nervoso



Quando os nervos estão irritados a mínima questão resolve-se com violência

Os nervos cansados são responsáveis da sua fadiga e depressão, da sua falta de memória, da sua excitabilidade.



O homem de negócios necessita saúde e energia para desenvolver a sua actividade sem desfalecimentos



As preocupações e desgostos alteram o sistema nervoso provocando insónia

Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.



Quem tem sido forte não pode nem deve condonar os seus músculos a uma permanente inactividade

Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornar-se-ão mais ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

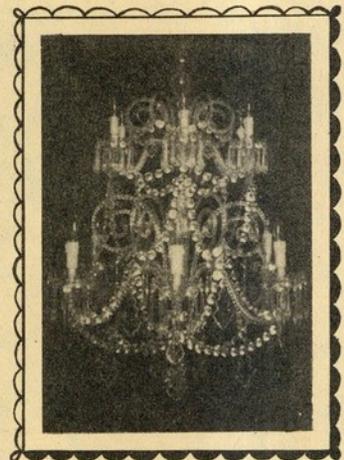
Peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero

À venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO

* LUSTRES *



APLIQUES * CASTIÇAIS * ABAT-JOURS * CANDELABROS * CANDIEIROS DE MESA * RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (Á R. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497



1 sr. major do exército, general Anibal de Passos e Sousa, ofereceu, há dias, no Aviz Hotel um banquete de homenagem ao vice-marechal Geoffrey Bromet, do exército do ar inglês. Assistiram muitos elementos de alta patente do exército português, e outros ingleses, com representação junto da embaixada de Inglaterra em Lisboa.

MULHERES E CRIANÇAS

SER mulher é muito triste, quando o homem, o montador da maquinaria social, se esqueceu do papel que ela representa e das funções que devia desempenhar nessa mesma sociedade. Se o homem não se esquecesse, não haveria lugar nas esquinas para as pobres mulheres virem a viver vidas miseráveis encostadas. Todos os dias, elas aí estão, de filhas nas brancas, cada vez mais pálidas, cada vez mais anémicas. Há uma que se posta ali ao cimo do elevador de Santa Justa, com uma linda criança de dois anos brincando com papéis e tijolos ou dormitando encostada às suas pernas, e, nos braços, um «baby» de poucos meses, dormitando sob um chales desbotada. As vezes, a mulher não aparece. Mas, então, a criança que está no chão muda de posse, e é com outra mulher que forma aquêl quadrado de tristeza.

Elas não estão sós, de resto: há aqui perto do Chiado um outro quadro diário e de todas, todas as horas. É também uma rapariga com duas crianças — uma a galarrear-lhe nos braços, a outra a brincar no chão.

É tão pálida — é cada vez mais «tão pálida!» — essa mulher de cabelos ondulados e grandes olhos negros a «comer» quem passa por ali... (Se ela não come com a boca, que coma ao menos com os olhos a esmoia que nem sempre lhe dão).

Ser mulher é muito triste, quando os homens se esquecem da sua fraqueza, do cuidado que devem aos filhos e da impossibilidade de ser mãe e operária ao mesmo tempo. Se os homens não se esquecessem de verdades que doem como punhos, essas mulheres que todos os dias se encontram pelos caminhos teriam creches, lactários, jardins, escolas, o que fosse — um sítio onde abrigar os filhos enquanto elas andassem na faina do ganha-pão.

Não há progresso humano nem base social onde caiba a tolerância dos homens perante os problemas que directamente afectam a mulher e a criança.

Quando se convencerão os homens de que a mulher é a verdadeira fonte da juventude, o renovo da vida e o fruto da saúde e da existência?

MANUELA DE AZEVEDO

T

ENHO uma janela, de pobres caixilhos, lambida de trepadeiras, que se abre sobre o correr do Tejo. É um gosto, nas calmas manhãs, com os gorgelos festivos da passurada, contemplar, num êxtasi de beleza, o leve ondular do rio, todo vestido de azul, com cintilações de prata.

Dos montes, escorrendo o verde molhado dos orvalhos das noites frias, palpitam mil gritos da Natureza em festa; nos pináculos que o sol anda a morder com beijos de fogo, alvejam, por ali e por acolá, cristas brancas de singelas ermidas ou cabeleiras, em farripas, de pinheirais velhinhos. Nas sinuosidades, nas curvas, pressinto da lonjura as patas dos bois, vagarosos, pachorrentos, com o focinho úmido, a arrastarem a dentuça das charruas que abrem sulcos e rasgam o ventre da terra. A frente vai o rural, bota cardada, calça de saragoça apertada na canela, jaleca dependurada dos ombros largos e ossudos; leva na manápula forte e cabeluda o agulhão com que, a espaços, lhes espicaça o dorso; e aos meus ouvidos parece que chega, por um sortilégio e favor divino, o «chó, russo! chóis», que há séculos serve de incentivo, desde o Minho ao Algarve, ao combate pacífico daquele bom animal.

Depois, os meus sentidos vagando sempre alcançam charnecas e descampados, florestas e herdades, casais e vilórias. Vou por ali dentro, em espírito; dou os bons dias, porque estou em casa alheia; conheço todos: o Zé moleiro, de carranca tristonha, mais a sua égua, a «amarela», de focinho murcho e com uma estofadela no joelho, pois caíra na encruzilhada com o carrêgo da farinha; a ti'Joana do forno, de avental garrido, com arrebitos e rabetezas de coscuvilha, que anda de mal com a Joana do ferrador, a modos por via de meio quartilho de mel mal coado; e vejo o Luis sineiro, engravatado, boa calça de cotim, a sair da venda do Miguel do Monte lambendo os beiços, com gula, e a correr que são horas de chamar à missa. Oço o sino. Sinto saudades dessas festas tão nossas, tão portuguesas, que vivem tanto no nosso coração! Aí vão as raparigas. Passam aos

LISBOA E A ALDEIA

pares, garridas, formosas, todas iguais e gémeas nas vestes que a pobreza lhes deu; são iguais as blusas largas, sem enfeltes, mais do que o lenço vermelho caído do regaço, saias grosseiras que, no saracotear dos quadris, espalham revoadas de leve aroma de alecrim; batem as chinelas no lagedo do adro; e, as que não trazem derriço no encaicho furtam no silêncio, um pouco ao culto, para dar uma olhadela inocente ao grupo dos moços. Lá do monte, que um sol a pino encharca de luz, rebanhos de gado, chocalhando, afocinham nos prados e nas ervas tenras...

Oh! como tudo é diferente. O buzinar dum automóvel desperta-me a atenção. A cidade está aqui — mas a vida, sim, a vida, está na aldeia, na Natureza.

MANUEL MARTINHO



QUANDO, há dias, o sr. ministro da Economia deu posse, no seu gabinete, aos vogais do Conselho Técnico Corporativo, o seu discurso couvo bem fundo na compreensão de todos os portugueses. E, assim, algumas frases ficaram mais nitidas para que cada um possa avaliar das razões que regeram a reforma do Conselho Técnico Corporativo e das vantagens que, para a economia da nação, pode advir duma máquina bem montada que não precisa do fim da guerra para produzir os frutos da nossa emancipação económica.



Frederico, o Grande, rei da Prússia, foi um dos homens que melhor soube tirar-partido da espionagem.

C

OM a primeira crueldade nasceu a guerra e, com a guerra, o desejo de surpreender o inimigo, para o vencer mais seguramente: de este desejo nasceu, por sua vez, a espionagem.

Este método, condenado em princípio por todos os Estados, não obstante nenhum deles ter ousado tomar sobre si a iniciativa

de pronunciar a sua supressão definitiva (Napoleão não disse: «os espíões são os ouvidos e os olhos daqueles que governam?») é mencionado, pela primeira vez, na Bíblia. Aí se vê, com efeito, Joseph, ministro do Faraó do Egipto, deter seus irmãos e mandá-los encarcerar sob pretexto de que fazem espionagem.

César, na sua conquista dos gauleses, serviu-se, igualmente, de observadores secretos, e sabe-se que Nero e Caligula tiveram o seu exército invisível.

O feudalismo dá-nos Alfredo, o Grande, munido

de uma harpa e vestido de bardo, para ir surpreender, sob este «travesti», os segredos do inimigo. A este estratagem, que não é outra coisa senão espionagem, deveu a vitória definitiva e a reconquista do trono de Inglaterra.

Se a altiva e nobre cavalaria do feudalismo desdenha dos espíões, nem por isso deixa de os conhecer secretamente. Mais tarde, no século XVI, por ocasião da expedição da Invencível Armada, um espíão inglês, de nome Stafford, informava a Espanha dos planos que os britânicos preparavam, para defrontar a Armada, enquanto que, por outro lado, um agente de nome Gibbs espiava, por conta dos insulanos, os preparativos espanhóis. Dois anos antes de a Armada se fazer ao mar, a Inglaterra sabia que o seu inimigo armaria 180 barcos e 300 galeras...

O espíão que se apresenta no campo do adversário, sob o disfarce de soldado desertor, é assinalado, pela primeira vez, no momento em que se ferem as guerras napoleónicas contra Espanha e Portugal. As crónicas destas campanhas falam-nos, com efeito, da maneira como um desertor castelhano, chamado Filego, conseguiu fazer-se conduzir diante de Massena

e oferecer-lhe os seus serviços contra a pátria. Estes serviços estavam a caminho de ser aceites, quando o ardil foi descoberto. Condenado à morte, Filego conseguiu, todavia, escapar nessa mesma noite, levando o plano de campanha escondido no próprio gabinete de Massena.

Um dos homens de guerra que melhor compreendeu todos os recursos da espionagem e que dela soube tirar o mais eficiente dos partidos foi, incontestavelmente, Frederico, o Grande. E a Prússia de 1870 devia lembrar-se das lições do seu fundador, como o testemunha o protesto indignado que vamos citar, e que foi redigido por um francês, pouco depois do cerco de Paris.

Descobriremos, nestas linhas, o grau de desenvolvimento de um processo já concebido com tanto método como de minúcia, e que nos vem revelar que a «5.ª coluna» não é, como se pensa geralmente, um novo processo de guerra: «na desgraçada guerra que a França acaba de sustentar contra a Prússia, esta última potência inspirou-se, largamente, nas tradições do grande Frederico. Assim, no princípio da guerra, foram presos em Strasburgo oficiais prussianos, disfarçados de camponeses e, até, de camponesas: vinham tomar conhecimento do estado físico e moral da guarnição, por conta do rei Guilherme.

E para quê, se o governo prussiano nos tinha nas mãos! Porque essa população tudesca que formigava em alguns bairros de Paris não tinha outra missão que não fôsse espiar-nos. Essas mulheres, essas crianças, êsses rapazes, êsses velhos varredores das ruas: espíões! Esses empregados de armazéns, de rosto franco e sorridente: espíões! Esses operários que pululavam nas nossas fábricas, nas nossas oficinas: espíões! Esses estudantes, êsses artistas, vindos sob pretexto de visitar os nossos estabelecimentos científicos, as nossas bibliotecas, os nossos museus: espíões! Esses negociantes, metidos em nossas casas, pelas necessidades do seu comércio: espíões! Esses viajantes de tôdas as idades, de tôdas as condições, que singravam na França hospitaleira em tôdas as direcções: espíões! Espíões! Espíões!».

O autor acompanha estas linhas de uma diatribe desesperada contra os «filhos da vigilante Germânia, alfobre de espíões, escola de beaguins», etc. Tal protesto, da parte de um parisiense que acaba de assistir à desgraça da sua pátria e cuja confiança, como a de seus compatriotas, foi dolorosamente surpreendida, é evidentemente, em absoluto compreensível. E, entretanto, se considerarmos o carácter tomado pela espionagem internacional, de então para cá, se observarmos o metódico desenvolvimento que lhe tem dado as nações e a imensa teia estabelecida através das cinco partes do mundo — não poderemos deixar de atribuir a esta indignação um carácter um pouco inocente.

E que, na altura em que escrevemos estas linhas, a espionagem conquistou o seu lugar, não diremos ao sol, pois que a luz é o único obstáculo que a afasta e afastará para sempre — mas, pelo menos, um lugar na primeira plana dos métodos de guerra. É inumerável nos seus aspectos e múltipla nas suas façanhas. A ubiquidade é a sua qualidade essencial. E não só está em toda a parte, como, ainda, se serve de tudo. O próprio éter lhe pertence — este éter através do qual as suas mensagens convencionais voam a toda a hora do dia e da noite.

Napoleão I, que aqui se vê na cerimónia do seu casamento com Maria Luísa, em Paris — 1810 — acreditou na acção dos espíões e por isso se serviu dela.



N. R. — Como temos noticiado, iniciamos hoje uma série de dezesseis artigos com o título geral de «Espões de guerra». Substituímos o nome ilustre e soberanamente conhecido do escritor e historiador belga Pierre Goemaere — uma figura da Bélgica, historiador da corte, aquela que, escolhida pelo rei, estava sempre onde houvesse alguma coisa de notável e escrever nos livros de registos históricos e que, como cronista da corte, acompanhava Leopoldo.

Nesta série de artigos notáveis, o espírito do historiador e a elegância estilística do escritor que a guerra fixou entre nós, dão-se as mãos, para nos oferecer algumas páginas da história da humanidade, através de todos os tempos.

Sem dúvida, esta iniciativa de «Vida Mundial Ilustrada» — e os artigos que se seguem são de rigoroso exclusivo em Portugal — vai constituir um apreciável recorte e um inestimável faixão de consulta, pelo que representa de fonte informativa e, portanto, de trabalho objectivo.

ESPIÕES DE GUERRA

ESPIONAGEM

DE ONTEM

E DE HOJE

POR

PIERRE GOEMAERE

UM EXCLUSIVO DE «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

* * *

«Se a calamidade de um conflito armado viesse abater de novo sobre a Europa — escrevia o marechal Weigand, em 1936 — a guerra seria total. E considero guerra total não só a participação, na luta, de todos os homens válidos mas, ainda, a mobilização de todas as actividades das nações. Assistir-se-ia, então, à «outra guerra» — a guerra secreta, não menos total, porque atacaria a alma do adversário, esforçando-se por aí lançar o desencorajamento e a desmoralização — na sua honra, procurando desacreditá-la aos olhos do mundo inteiro; no seu espírito, para nele surpreender desígnios; e, até na sua saúde, por processos de contaminação».

Eis-nos longe — não é verdade? — da «Outra guerra», sob os aspectos primitivos de um Alfredo, o Grande, disfarçado de bardo, ou de um mercador espiando as reacções dos parisienses, durante o cerco...

Tão vasta, na verdade, tão prodigiosamente desenvolvida está hoje a acção da guerra secreta, que julgamos poder dividi-la em quatro sectores distintos, segundo os âmbitos em que se exerce:

O sector de informação (a espionagem concebida, na sua forma mais antiga, de que havemos citado alguns exemplos históricos); o sector político (ingerência nos negócios internos do inimigo, fomentação de discórdias, provocação de atentados anárquicos, etc.); o sector de propaganda (desmoralização, derrotismo, pacifismo antes do tempo, etc.); e, enfim, o sector da sabotagem (dinamitação de fábricas, destruição de material ferroviário, de «stocks» de munições e de reservas alimentares, incluindo o incendiar de colheitas e o envenenamento de gado).

Entretanto, na série de estudos que vamos aqui consagrar à guerra secreta, consideraremos, principalmente, a acção *informativa*, isto é, a espionagem compreendida no seu primitivo e clássico sentido.

E supomos que ao assunto não falta interesse, pois qualquer que seja a opinião de cada um, a respeito do papel do espião (num dos nossos artigos estudá-lo-emos do ponto de vista de lei moral) é incontestável que a sua perigosa missão requiere qualidades de intuição, de engenho e de sangue-frio que fazem dele uma personalidade a respeito da qual o menos que pode dizer-se é que é «hors-série».

— «Eu não gosto de espões — dizia Paul Bourget — mas a sua audácia vence a minha admiração e as aventuras destes mestres em psicologia apaixonam-me».

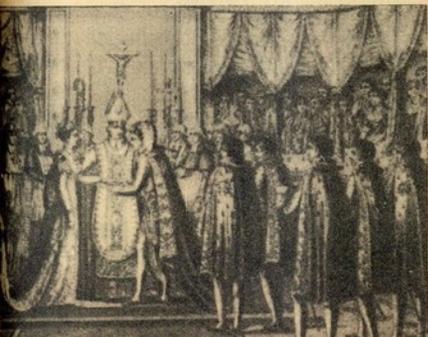
Por algumas descrições objectivas e de nenhum modo romaneadas, que apresentaremos no decorrer destas crónicas, verificar-se-á, enfim, que, muitas vezes, a intrepidez e o espírito de sacrifício do espião de guerra não é de modo algum inferior ao do combatente, no campo de batalha.

PIERRE GOEMAERE

A seguir:

II — A ESPIONAGEM PERANTE A MORAL

Alfredo, o Grande, e o seu círculo espiritual, dez anos antes da guerra dos Sete Anos, que devia dar à Europa uma forma política tanto quanto possível regular. O rei — ao centro — conversa com Voltaire. A espionagem, porém, não podia deixar de rondar perto e o próprio rei a praticava.





QUANDO O SOL DEIXOU DE BRILHAR

1 Chape... Chape... Chape...

As muletas, ao pisarem o solo endurecido, faziam um ruído monótono, a quebrar o sossêgo inquietante da tarde quente. Subindo e descendo, as dunas guilgar-se. O sol escaldante batia-lhe em cheio. E, ao ascender a ladeira escarpada, olhos fitos no chão, não fosse uma muleta escorregar nas pedras soltas e miúdas, sentia-se cansado e o suor a umedecer-lhe a fronte. Sofria. Agora, após longos anos de torturas, perdido o garbo do corpo, sofria os olhares furtivos, piedosos ou insistentes de quem era são e escorreito. E sentia-se inferior, humilhado, principalmente porque se lembrava do tempo em que era perfeito e via um aleijado, um ser que ele considerava inferior e diferente dos outros.

Continuava a arrastar-se, mas conseguiu atingir o pinhal. Então, deitou-se, agarrado às muletas, esforçando-se na outra perna, para suprir o mal da côxa anquilosada. Os lábios ardiam-lhe de sede e o peito arfava-lhe com violência. Relanceou o olhar. À esquerda, ao fundo, como se dormitasse no sopé dos montes pardacentos, destacava-se o pequeno aglomerado com as suas cascas batidas pelos raios do sol; lá em baixo, mais para a direita, o mar sereno, desfazendo-se com indolência, num rumorejar eterno de adormecer, parecia uma imensa toalha fúscante, onde se entornava o fogo fluído do astro-rei. Em volta, os pinheiros refulgiam como um manto verde-escuro salpicado de ouro...

2 A sua infância não fora nem serena nem risonha. O lar dos pais era de paredes sombrias. Para lá dessas paredes, decorria o drama de uma vida de incessantes sacrifícios. Era uma casa de filhos e de ganhos reduzidos. Ele, então, não gostava de brincar em folgozes violentos como os outros meninos da sua idade, preferindo entreter-se com aqueles longos silêncios no meio da solidão. Naturalmente, andara na escola. Não chegara, era certo, a completar os estudos primários, porque a sorte começara a desandar e os pais não podiam conservá-lo mais tempo na escola. Por isso, cedo começou a trabalhar e a conhecer as agruras da vida. Mas pouco tempo duraria a sua faina. O mal minava-lhe muito, nascera com ele o germen da tuberculose. E, como ele, também os irmãos eram doentes. Era o mal hereditário da família. Adoeceu.

3 Foi internado no hospital, donde seria mais tarde transferido para o Sanatório Marítimo de C... O princípio da sua tragédia abalara-o tão profundamente, que dir-se-ia perder a noção de tudo para cair numa doentia prostração, sem forças para reagir. A doença infiltrava-se lentamente até lhe dominar os membros do lado direito. Depois, os anos começaram a rolar e ele continuou prostrado no leito, afastado da vida, entregue ao seu destino. Nos dias de sol, com o corpo nu, sorvendo a brisa iodada do mar, perpassava-lhe o sonho de viver. Quem sabia! Talvez pudesse curar-se, reconstruir a própria vida... Mas, um dia, a notícia chegou com toda a brutalidade: agora, era o pai e, atrás dele, logo outro irmão, minados da doença, vencidos pela tísica.

Agora, esmagado pela dor, até perdera a fé nos homens e em Deus.

4 Aos domingos, as raparigas dos arre-dores gostavam de visitá-lo. Era simpático e insinuante. Traços finos, olhos pretos e sonhadores, fronte espacosa encimada pelos cabelos pretos.

As vezes, pobre dele, sentia frêmitos que o deixavam ofegante e abatido. Sonhava com a mulher desconhecida e desejada, sentia-lhe as carícias, envolvia-o a volúpia de uma virilidade sã. Oh! como desejaria encontrar essa mulher capaz de lhe oferecer as emoções do amor!...

5 E o tempo ia passando. Até que um dia se levantou amparado às muletas. Até na doença era diferente a sua sorte; tinha de ter uma muleta mais baixa para não forçar muito o braço doente.

Ah! mas agora, o mundo também para ele era diferente! Era um ressurgimento, uma cisma de olhos presos à vida que o rodeava! E, dentro de si, começou a sentir a explicação do que era inexplicável... Estava apaixonado...

Sim, agora compreendia: isso já vinha de longe. Estava apaixonado, prendera-se aos olhos dela, à graça do seu corpo coleante. Enleava-se no sonho de a possuir. Mas a timidez e o receio de sofrer o não que o humilhasse, era o entrave da sua confissão. Por fim, o acaso, que é protector de amores, levou-os à confissão. Também ela o amava...

Começou o idílio... Sincero e violento mas banal. Ela não gostava de mundos irrisuais, do mundo dos poetas, e ele, no fundo, era a poesia amarga, o fel que a amargurava... Ela beijava-o, mas com a paixão desprendida, errante, longe dele... Amava outro.

Como ele odiava a vida que assim o recebera!

6 Talvez até gostasse de morrer. Mas a vida teimou... E, agora, antevia o seu regresso temporário ao lar. As lágrimas e a alegria alvorçada da mãe. Como estaria ela? Ansiedade...

Porém, poucos dias antes de partir, a fatalidade mais uma vez caía impiedosamente sobre ele: uma escorregadeira das muletas nos mosaicos molhados, três gritos lancinantes que encheram de sobressalto a enfermaria, e a perna doente partida...

De novo na cama... Para que vivia? Por fim, o restabelecimento lá chegava. E ele iria partir para junto dos seus. A viagem de comboio, o deslumbramento da cidade, a chegada à terra, a alegria de ver os entes queridos—tudo lhe parecia um sonho...

Mas a neurastenia, o desgosto de ver a família reduzida e oprimida pela miséria, e a obsessão de se arrastar de muletas, acentuaram ainda mais a sua tristeza. Oh! como desejaria sumir-se, quando dava conta de que atentavam nele!...

7 Era melhor esperar... Todo o seu débil organismo se ressentira dos longos anos de mobilização, da luta sem tréguas que travara no íntimo. E à medida que o tempo corria veloz e o seu espírito lúcido se compenetrava da esmagadora realidade, sentia uma crescente angústia, o receio e o pavor de morrer. Havia, porém, momentos que sentia a grandeza da desilusão e, então, encarava com serenidade, com um leve sorriso de resignação a perspectiva de deixar a vida tão pesada e ingrata.

Plorava cada vez mais, vagorosamente, como se a vida fosse uma vela a ser lambida pela chama bruxuleante. Entrechocavam-se as idéias do visionário excitado pela febre. O lúgubre espectro da morte pairava sobre o Sanatório, constringendo as dezenas de seres que lá se encontravam, como se a morte de um levasse um pouco a vida de todos...

8 Uma das enfermarias do rés-do-chão foi transformada em câmara ardente. E os doentes que, arrastados pelas muletas, entravam calados, ficavam petrificados, olhos fitos nas formas rígidas daquele corpo sem vida, mirrado pelo sofrimento, faces de unhas violáceas. Parecia repousar num sono pesado de chumbo, como um naufrago que arrastara os perigos constantes da procela. Havia algo de estranho, de irresistível que prendia o olhar comovido dos doentes: os malares salientes que pareciam perfurar a pele amarelada, os lábios roxos entreabertos, as pálpebras caídas e a testa alta encimada por abundantes cabelos. Esse rosto gelado pela morte, deixava-os extáticos, chumbados ao chão, a cismar...

À cabeceira, num altar tóxico, lá estava um pobre Cristo de olhar mortífero e sem expressão, de braços abertos na cruz, iluminado por duas velas, cuja luz indecisa e trémula fazia dançar sombras imaginárias na parede do quarto mergulhado na penumbra e cheio de odor forte que a morte exalava, sobrepondo-se ao cheiro das flores que as raparigas do lugar lá tinham ido levar de mistura com algumas lágrimas.

Veio o padre murmurar o latim e espargir os pingos de água-benta. Os gritos do Sanatório, esforçando-se para não desconjuntar o caixão, deitaram as corréias aos ombros e empunharam dois paus onde o féretro se apoiava.

Era ao fim da manhã.

9 À frente, seguia um rapazito enfezado, segurando numa das mãos a caldeirinha da água-benta, e, impulsionando com a outra, numa cadência dolente e descompassada, a sineta pesada para o seu braço enfraquecido; o sacristão, na opa branca, caminhava solene e erecto, erguendo um Cristo moribundo na cruz; seguia-se-lhes o padre de olhos caídos e impressionante nos seus hábitos religiosos. Ao meio, os criados conduziam o caixão. Atrás, os doentes de muletas.

O funeral pôs-se a caminho. Os doentes de cama, nas galerias, olhavam compungidos aabalada do companheiro. O Sanatório ficara para trás escondido pelos pinheiros. As badaladas da sineta pareciam um carpim estranho de alma penada, e as muletas, martelando a estrada endurecida, ecoavam num som ôco, como um rumor longínquo de cavalcada de fantasmagoras...

A poeira, o sol a pino e os casacos que só raramente se vestiam, tornavam as muletas mais pesadas e torturantes...

Perto do cemitério, as mulheres assomaram às janelas para ver passar aquele estranho cortejo fúnebre. O sino da pequena igreja começara a dobrar a finados, num som cavo, como gemidos e queixumes de moribundo numa eterna agonia... O féretro entrou na igreja. Soaram de novo as palavras do sacerdote...

No pequenino e triste cemitério, a cova aberta parecia uma boca escancarada, onde o cadáver se sumiria para sempre. Desprenderam o Cristo da tampa do caixão. Tudo caíra num pesado mutismo e apenas se ouvia o roçar das cordas. Depois, num repêlo, o atadão desceu até ao fundo; caíram as flores e o coveiro começou a sua lúgubre tarefa. E cada pázada de terra caía pesadamente sobre o caixão, num som abafado que parecia um arranhão desesperado dentro de cada peito...

10 bóio. O rosto lacerado deixava transparecer as amarguras que tinha vivido e a ansiedade daquele momento. Relanceou os olhos numa muda e aflitiva interrogação. Daí a pouco, a mãe apesava-se do com-

Daí a pouco, a mãe apesava-se do com- quisese reanir as suas últimas energias. Depois, um grito cortante e desesperado ressoou, repetindo dolorosamente no coração dos doentes já de regresso: e gritava a sua dor formada pelo acompanhamento de tantos filhos mortos, do marido comido pela tísica... Só ela, tão farta de sofrer, não morria!... Nem sequer vira o filho morto. Mas queria ver a terra que o cobria. Ampararam-na a caminho do cemitério. Os seus queixumes lancinantes ouviram-se por muito tempo.

No Sanatório, prosseguiram as lutas, os anseios, a epopeia de sofrimento daqueles seres tão novos arrancados à vida!...

UM CONTO POR
SERAFIM NEVES

NA MARCHA DO TEMPO E DAS IDEIAS...

O PADRE TOMAZ BORBA E LOPES GRAÇA

Vão apresentar na Academia dos Amadores de Música seis jovens «VIRTUOSES»!

São seis os jovens artistas: Maria Adelaide Robert — a que está a rir-se, à esquerda — Lídia de Carvalho, Maria Delfina Costa Simões e Emílio de Carvalho. O concertista da noite é o José Carlos, que está de «smoking» e de óculos. Quanto à Lupi Freire, essa não pôde ficar no retrato, que foi a um casamento.

SAO nove horas e trinta e o salão começa a animar-se. Depois, pouco a pouco, vai-se enchendo: é gente nova, buliçosa, que emparelha com velhos de cabeleira branca, grandes nomes da música portuguesa, ao lado de jovens afirmações...

Agora, a sala encheu-se... Silêncio, atenção. Chegou mestre Viana da Mota pelo braço do herói da noite: é o pequeno José Carlos Sequeira Costa — os seus quinze anos tímidos, metidos num «smoking» de circunstâncias.

Que vai ele fazer à Academia dos Amadores de Música? Reata-se a tradição da velha sociedade: renasce o espírito de estímulo de divulgação de valores, porque a Academia, que se fundou há 60 anos, não tem só funções escolares.

Dois épocas, duas gerações estão aqui presentes: o padre Tomás Borba, cêrca de 80 anos gloriosos para a vida da Academia; e o Fernando Lopes Graça — o maior nome da música portuguesa do nosso tempo.

— Ponha-o à frente de todos os novos! Ele é o Coriféu da música moderna! Ninguém mais do que ele, ninguém melhor do que ele. Ponha-lhe antes do nome todos os adjectivos, que eu a todos sanciono. Foi meu aluno, depois foi meu camarada, agora é meu mestre. Tenho muita honra!

Quem assim fala é o padre Borba, alguém que não precisa de ser apresentado: o país todo o conhece, o país todo canta as suas canções de motivos ingénuos, populares, cheios de uma graça poética inextinguível. É ele um dos directores artísticos da Academia dos Amadores de Música. Levou-o para lá a sua mocidade, anterior à República, como professor. E foi depois do regime republicano que o fizeram director. Desde então, nunca mais a Academia dos Amadores de Música deixou de contar com a sua arte e a sua boa-vontade. Mas o tempo muda...

— É preciso acompanhar a marcha do tempo. Lopes Graça é jovem, tem talento. Dentro da direcção artística, quem melhor do que ele, para fazer a revolução musical que nos propomos levar a efeito no nosso meio? Ele é que está a criar este grande movimento a favor dos jovens artistas. Esse menino que acaba de chegar, ao lado de Mestre Viana da Mota, que foi seu professor, vai ser apresentado hoje, neste concerto, não como uma promessa mas como uma bela expressão real...

Quem assim fala é o padre Borba. Então, Fernando Lopes Graça elucida entre dois apêrtos de mão, pois chega sempre mais gente.

— Vamos dar seis recitais de piano, canto e violino, para apresentar seis jovens artistas. Frise bem: já são artistas e chamam-se: José Carlos Sequeira Costa, Judith Lupi Freire, Lídia de Carvalho, Maria Delfina Costa Simões, Maria Adelaide Robert e Emílio de Carvalho. Dois pianistas, dois cantores e dois violonistas que vão apresentar programas da maior responsabilidade. Hoje, é José Carlos Sequeira Costa quem se apresenta... É o seu primeiro grande concerto em público, fora do microfone. De resto, todos os que vamos apresentar nesta primeira série se estrelam como concertistas de classe, não obstante terem já tomado parte em concertos como colaboradores...

Perguntamos a Fernando Lopes Graça o que pensa do futuro de tantos artistas jovens num país tão alheio às manifestações musicais, é ele espanta-se da pergunta:

— Ora essa, alheio? Este povo que vai aos concertos da Guarda Nacional Republicana, ali ao Carmo, que enche o Coliseu quando lhe oferecem os grandes concertos sinfónicos, que não assiste à música nos passelos públicos porque arrancaram os coretos, este povo pode acusar-se de ser avesso à boa música?... O que nos falta sim, é uma sala de concertos e alguém que tome a sério a organização de espectáculos e a coordenação de elementos desaproveitados.

Ao lado, o sr. padre Borba passava os dedos finos pelos cabelos longos cor de neve.

— É isso mesmo, é isso mesmo. E é por isso mesmo, ainda, que a Academia vai retomar as suas funções... Sabe como isto começou a funcionar? Precisamente, porque há sessenta anos se reconhecia essa mesma verdade: somos um país de tradições musicais e o povo português já então sentia a falta de boa música. Então, o marquês de Borba, o visconde de Atouguila, o duque de Loulé e o conde de Soure, fundaram uma orquestra de 80 figuras que dava concertos na Sociedade de Geografia. Foi assim que surgiu a Academia, feita por fidalgos para toda a gente... Depois, pouco a pouco, como os filhos dos sócios precisavam de se educar, foi-se tornando, principalmente, uma Escola, um Conservatório particular, fiscalizado pelo Estado e que passa diplomas de carácter reconhecidamente legal...

Lembram-se alguns nomes passados por essa escola como professores ou alunos, todos dos maiores no nosso mundo musical: Luís e Pedro Freitas Branco, Ivo Cruz, Dr. José Torcato, Ernesto Vieira, Francisco Baía, Pedro Blanco, Flaviano Rodrigues, Eduardo Lubório Cronner de Vasconcelos, Maria Helena Leal, Fernando Cabral, Marques Garcia...

— Gente de nome feito, como vê! Hoje, como nos bons tempos de São Carlos, como nos bons tempos de Sua Majestade o Rei D. Carlos... Que foi ele o nosso primeiro presidente honorário. Pelos estatutos da Academia, o Chefe de Estado é sempre o presidente de honra. O sr. general Carmona também...



Ainda não começou o concerto. José Carlos ouviu mestre Viana da Mota. Perante ele se curvaram outros mestres: Fernando Lopes Graça e o padre Tomás Borba.



Os dois directores artísticos da Academia: o padre Tomás Borba com os seus oitenta anos risonhos e liberais; Fernando Lopes Graça, na casa dos trinta — com a sua confiança no futuro. Que não farão de mãos dadas?



2

A TRAGÉDIA DAS POPULAÇÕES CIVIS



1

Foi a Polónia que primeiro conheceu a tragédia desses terríveis êxodos: massas enormes da população civil, fugindo à guerra. velhos e crianças, mulheres que nada podiam dar em defesa da pátria, correndo de trouxa às costas, primeiro para outras terras irmãs, depois transpondo fronteiras e procurando noutros países o sossego logo ameaçado pelo avanço do invasor. A França, a Bélgica, a Holanda, a Checoslováquia, os países do Báltico, os outros do Oriente...

A onda crescia sempre. A massa de gente era sempre mais compacta. Mas, um dia, o refluxo começou. Essa gente regressava ao lar abandonado — e agora desocupado. Com êle, porém, deu-se outro fenómeno estranho: enquanto os exércitos do Reich, da Itália e de outros povos do Eixo se comprimiam cada vez mais nos baluartes das fronteiras também cada vez mais pequenas, a população civil expandia-se, dilatava-se. Conhecia o êxodo, a tragédia de outros povos que, há mais de quatro anos erravam pelo mundo sem ter lar...

1 **T**o lar desfeito, os filhos Deus sabe onde... Esta pobre camponesa alemã fuziu, como as camponesas de outros povos, porque a terra do seu cultivo é agora campo de batalha. A guerra penetrando no território de Hitler, fêz dela uma refugiada da Suíça...

2 **A**quêles, porém, que arranjaram meio de transporte, são os mais felizes. Outros, porém, esperam interminavelmente nas estações o momento em que obterão lugar no próximo comboio... se é que êle chega! Ali se instalam, ali vivem nesta horrorosa situação semanas e semanas!

3 **T**ambém a China conheceu, primeiro que nenhum outro país, a odisséia dos refugiados. Vejam este comboio, organizado para a evacuação dos civis chineses, a caminho de Chung King. A composição vai cheia, polegada a polegada, desde a locomotiva até à cabina e guarda, na última carruagem. Homens e mulheres, na ânsia de fuga, instalaram-se nos tejadilhos nos eixos das rodas, e formam milhões e milhões na fuga ao invasor!

“MADAME” BONNET

DE EMBAIXATRIZ DA MODA A

EMBAIXATRIZ... SIMPLEMENTE

FOI com uma afeição e carinhos quase familiares que Washington recebeu «madame» Henri Bonnet, esposa do actual embaixador francês naquela capital.

Alta, esguia, morena, era uma das mais típicas figuras da elegância parisiense; apesar da sua origem grega, ela recebeu uma educação e uma formação essencialmente francesas. Em 1940, «avec une seule valise», tal como ela própria o escreveu, chegou a Nova-York. E «madame» Bonnet abriu um «atelier» de alta-costura com o seu nome «Heller».

Sem nenhuns conhecimentos profissionais da moda, armada com o seu bom senso e com o seu seguro bom gosto de parisiense, conseguiu criar uma clientela escolhida, e, durante três anos, trabalhou e ganhou a sua vida como qualquer americana. É esta uma das principais razões da afeição que os norte-americanos têm por ela.

E logo que pela primeira vez «madame» Bonnet se apresentou em público, os jornalistas verificaram que ela tem outras competências além da Moda. «Não é suficiente que as mulheres francesas ponham chapéus na cabeça; é igualmente necessário que tenham dentro da cabeça a noção da sua responsabilidade como eleitoras». Esta frase, só por si, constitui um programa...

Logo que se instalou na Embaixada,



fêz a sua primeira visita oficial à senhora Roosevelt; e a segunda visita foi à Cruz Vermelha Americana, para pedir insistentemente aos seus directores o rápido envio de medicamentos para França.

Depois de ter sido embaixatriz do bom gosto parisiense na América, «madame» Bonnet é agora embaixatriz — simplesmente...

ISTO E AQUILO

As perdas do exército americano, desde o princípio da guerra

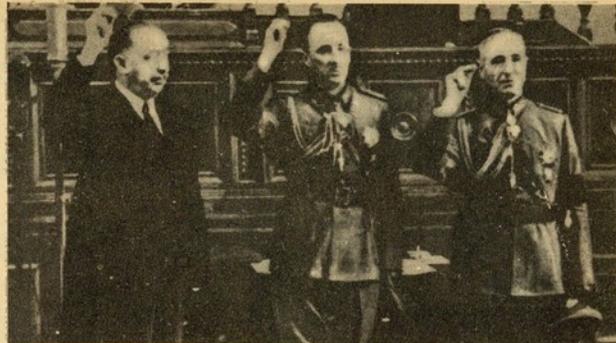
NÃO foi em vão que os Estados Unidos se lançaram nesta guerra, a mais profundamente trágica e violenta de quantas, desde sempre, flagelaram a humanidade. A América, como todos os povos, tinha os seus problemas a resolver, as suas contas a ajustar entre si. Procuram um mundo melhor, baseado num nivelamento de posses e de bem-estar para todos os homens sobre a terra — e, no fundo, toda essa engrenagem será montada à base dos interesses económicos de cada nação.

Por que preço, porém, pagam essas nações o bem-estar que ambicionam e pelo qual lutam?

Damos, só no que respeita à América, alguns números impressionantes e que se referem a estatísticas elaboradas desde o princípio da guerra até fins de Dezembro de 1944: 104.000 mortos; 326.000 feridos; 66.500 desaparecidos; 59.690 prisioneiros.

Estes números dizem apenas respeito às perdas do exército. Vejamos, agora, aquelas que se referem à marinha, segundo informam as estatísticas fornecidas em fins de Janeiro último: fuzileiros navais e guarda-costas, 81.780 — ou seja, cerca de 31.300 mortos, 36.700 feridos, 9.200 desaparecidos e 4.400 prisioneiros.

E é este o preço, ainda não definitivo, por que os americanos conquistam a felicidade dos que não são tragados pela morte ou da invalidez.



A partir da esquerda: Filov, Cirilo e Mikhov

Irês regentes condenados à morte

A política dos países desocupados e, ainda, naqueles onde os entendimentos com os países do Eixo criaram uma expressão de «libertação», com a queda dos governos que foram à guerra — pode dizer-se que continua na sua fase de «depuração». As vindictas, os fusilamentos, os julgamentos famosos envolvem numa mancha de sangue a hora que passa. Aqui vemos, na foto, os três regentes da Bulgária recentemente condenados à morte. Como se sabe, depois da morte do Rei Boris — que se diz estar, então, em entendimentos com os Aliados e cuja morte se revestiu de um certo mistério — foi constituído um conselho de regência — pois o herdeiro do trono, o pequeno Semeão, contava apenas 4 anos — de que fazia parte o príncipe Cirilo, irmão de Boris, o professor Filov, antigo Primeiro Ministro, e o general Mikhov, em tempos ministro da Guerra. Com a queda da Bulgária e a subida ao poder de um governo pro-aliado, os três regentes, que se encontravam entre os 101 búlgaros condenados à morte, como criminosos de guerra, caíram fusilados, na noite de 1 de Fevereiro último. O Tribunal do Povo de Sofia — que lavrou a sentença de morte dos membros do conselho de regência — condenou a trabalhos forçados, por toda a vida, mais 27 políticos.



Um oficial brasileiro

SABEM quem é este oficial? O Brasil guiando-o à celebridade, por esta coisa simples e curiosa: foi o primeiro brasileiro, do Corpo Expedicionário, que pisou Nápoles conquistada. Chama-se Mário Ferreira Barbosa Pinto, tem a patente de major, e teve, assim, a honra de ser o primeiro a desembarcar em solo europeu. Por outro lado, este jovem e simpático oficial foi quem instalou e comandou o 1.º Batalhão de Carros de Combate, no Brasil, depois de ter frequentado um curso de especialização, no forte Benign — no Estado de Geórgia, na América. Segundo diz a imprensa brasileira, o major Barbosa Pinto não fala a «repórteres», espanta os fotógrafos, é discreto, calado e valeroso. No comando da Defesa Anti-Motorizada da F. E. B. em acção na Europa.



Para uma camisa chic só

Casanova



O camiseiro do homem distinto

Rua da Palma, 69 — LISBOA — Tel. 21457



EMISSIONES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

Horas	Ondas	Ondas	Ondas	Ondas
20,30	19,5	25,3	30,9	39,6
20,45	19,5	25,3	30,9	39,6
22,45	25,3	30,9	39,6	49,6
às 23,15				

Ouçã o locutor JORGE ALVES às 22,45

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser escutada por intermédio da «B.B.C.», todos os dias das 19,45 às 20,00.

EMISSIONES DIARIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

PRODUTOS DE BELEZA



O ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZA!

EM TODA A PARTE
PASTA MEDICINAL
Couto



TRATA AS DOENÇAS DA BÔCA, PORQUE É MEDICINAL

Medicinal pequena — tubo 10\$50
Medicinal grande — tubo 16\$00
Vulgar pequena — tubo 4\$00
Vulgar grande — tubo 7\$00

IMPINGENS são eliminadas com SABÃO HIGIENICO

Preço 4\$00 — Pelo correio 5\$00

COUTO L. D.Á

LARGO DE S. DOMINGOS, 106
PORTO

FUMADORES

Podem fumar hoje mais que nunca e ficar com os dentes como tições, porque «Embryodine-Dental» põe-nos brancos e brilhantes em alguns minutos apenas.

EMBRYODINE-DENTAL

vende-se nas boas casas. Um tubo, 10\$00. Agente geral para Portugal e Espanha: J. Santos, Rua Santo Ildefonso, 29 — Pôrto. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F. L.ª, Rua dos Fanqueiros, 135. 3.ª Dir.ª. Telefone 43582.

O LIVRO DO MOMENTO

A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra
Por RAFAEL MARÇAL

A venda em tôdas as livrarias
Uma magnífica edição de «VIDA MUNDIAL»

Composição: Mentholum 8 grs. — Methylum Salicylicum 8 grs. — Lanolinum Anhydricum 16 grs.



Dr. BENGUE, Farmacêutico de 1ª classe pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em tôdas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em tôdas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

COMPANHIA ALCOBIA

CÓMODAS DE ESTILO * PORCELANAS DE SAXE * ESPELHOS DE VENEZA * CANDEEIROS DE CRISTAL, DE FERRO FORJADO E DE MADEIRA * TAPEÇARIAS * MARQUISSETTES E VOILES SUÍÇOS * CARPETES DE LÃ *

FORNECEDORES DOS MELHORES E MAIS LINDOS MOBILIÁRIOS

COMPANHIA ALCOBIA

RUA IVENS, 14 (Esquina da R. Capêlo) — TELEF.: 26441 — LISBOA

CALÇADA DA GLÓRIA

O TELO



Damos aqui uma notícia que nos parece inédita e sensacional. O sr. W. C., ao regressar da Crimeia, esteve em Lisboa, tendo assistido à representação do «Ó Telo», do seu distinto conterrâneo Guilherme Shakespeare. A saída vinha encantado com a interpretação de alguns artistas, tendo mesmo afirmado em bom inglês:

— I have seen better, but not so good!
O que traduzido em português genuíno quer dizer só isto:
— Já vi melhor, mas nunca vi tão bom!

VIRGINIA VITORINO E A PÉRSIA



Virginia Vitorino realizou, recentemente, em Lisboa, uma conferência sob o título «Esta palavra Poesias... Aconteceu, porém, que um dos nossos jornais anunciou a «causerie» intitulando-a «Esta palavra Pérsia», e logo sucedeu o que era protocolarmente inevitável: o soberano persa telegrafou imediatamente a Virginia Vitorino agradecendo-lhe a deferência e convidando-a para um «sháh».

NO ELÉCTRICO



Um conhecido escritor ia, há dias, num eléctrico, a ler o jornal. A certa altura, cruzou a perna e, ao cruzá-la, tocou com o sapato nas calças do seu vizinho do lado. Indignação, aliás extemporânea, do homem:
— O senhor sujou-me as calças!

Resposta distraída do escritor, quasi sem despegar os olhos do jornal:
— O quê? O senhor usa calças?

A VIDA E A MORTE



Este inverno tem morrido imensa gente. Todos os dias a necrologia preenche nos jornais um espaço largo, mas sombrio. Um dos nossos mais conhecidos jornalistas ainda uma tarde destas asseverava:
— Já não leio a necrologia, porque tenho receio de me encontrar lá incluído...

O SENHOR DO BIGODE



Há dias surgiu-me, no Chiado, o meu amigo Olavo d'Êça Leal ostentando, sob o seu nariz pre-rafaelítico, um audaciosíssimo bigode.
— O Lavo, você de bigode?
— Como vê... Mas não se admire. É um bigode de celulide!

Tirei a conclusão, não sei se errada, de que o nosso Olavo d'Êça Leal se metera a protagonista de algum filme e cuja figura exigia aquela hirsuta excrecência capilar. Será assim? Ou aquêle bigode será apenas um passatempo?...

ALVES REDOLENTE



A quem diga mal da caricatura. O caricaturista é, muitas vezes, alvo da injúria e da malquerença. O menos que lhe chamam é isto: demolidor. E, entretanto,

uma caricatura, se é firmada por um caricaturista que mereça este nome, não se limita a definir o caricaturado: consagra-o. Uma boa caricatura equivale, muitas vezes, para o modelo a um Arco de Triunfo. E, não uma charge — mas um prémio. A caricatura de Alves Redol não precisa de palavras para a emoldurar. Menos ainda para a completar. Alves Redol está ali vivo, exacto, flagrante, com o perfil vincado e a bóina amarrotada a espreitar do bôlso. E é ele em pessoa. Mais: é ele — em caricatura. Este homem que escreveu os *Gaibéus*, os *Avieiros*, e que principiou na literatura por onde outros acabam, pela *Glória*, viu, em plena mocidade literária, erguer-se em seu louvor o mais conceituado de todos os monumentos: o seu *portrait-charge*. É caso para lhe deixarmos, por debaixo da porta, o nosso cartão de visita.



PICASSO, o conhecido e discutido pintor cubista, foi mobilizado pelo general De Gaulle e encontra-se actualmente na frente de batalha. Combatendo, à semelhança de tantos outros artistas? Não, meus caros senhores — pintando. De Gaulle mobilizou Picasso para fixar numa série de telas algumas impressões — ia quasi a escrever mais impressionistas — da actual guerra.

O PINTOR E A BAILARINA



série que se destina a decorar, num futuro próximo, os novos edifícios da França renascida, e a lembrar as duras e heróicas realidades que pesaram, durante a actual conflagração, sobre os soldados e sobre o povo francês. Mas De Gaulle mobilizou igualmente a célebre bailarina Josefina Backer, atribuiu-lhe o posto de tenente, e enviou-a para a frente de batalha com a missão de distrair os soldados, não do cumprimento do seu dever — oh! não — mas das naturais agruras da guerra. E aqui estamos nós perante o paradoxo de ver ao mesmo tempo Picasso com a função de perpetuar, pintando, a destruição e a morte, e Josefina com a de, bailando, fazer esquecer nos espíritos a morte e a destruição... Mas, afinal, para que nos admirarmos? Este paradoxo não passa, em boa verdade, duma imagem da própria existência. Procurar lembrar o que se esquece — e fazer esquecer o que nos lembra...

HA

MERCADOS EM LISBOA SEM PORTAS NEM SINETA!



Os mercados de Lisboa, ruidosos e alegres, são invadidos, logo pela manhã, por uma turba impetuosa, que acatovela e empurra, gritando e blasfemando, na febril ganância de chegar depressa — antes que tudo se acabe.

As chinelas e os pregões das varinas, o agitar da multidão que corre de bolsa aberta, dão, ao mercado, uma feição desordeira de insultos que a polícia, muitas vezes, tenta reprimir. É que o peixe, pesado e esquarterado, atingiu preços fabulosos — e a carne só em bicha, e com carta de recomendação, consegue aparecer, festejada com lágrimas de alegria.

As galinhas arranjaram, também, balanças — e vendem cento e vinte e cinco de moeda, à sucapa, depois do freguês se ter curvado de consideração.

Já os lugares de hortaliças pensam em vender as famosas couves galegas embrulhadas em papel de seda — e os nabos hão-de ser a péso — e só se vendem com receita médica. Para mercar bananas é preciso encomendar de véspera — e todos os comerciantes aceitam requerimentos e petições para possíveis fornecimentos. Toda a gente se benze — e como infelizmente não se pode ingerir uma moeda de cinco escudos com a mesma facilidade com que se mastiga uma banana, pensam as pessoas — e muito bem — que mais vale mastigar caro do que engolir dinheiro. Antigamente, isto é, há 1800 dias atrás, no tempo saudável em que se rejeitavam as batatas, quem gritava na praça era o vendedor. Agora, não. Tomara ele que ninguém lhe compre nada... porque vende tudo.

— Quanto custa esta galinha?
— Cinquenta escudos! — diz a vendedeira.

— Pois alguém pensa em dizer: dou-lhe tanto?
Isso. Os oferecimentos acabaram.

O Lisboa tem os seus mercados predilectos. A Praça da Figueira, no coração da cidade, e a Ribeira Nova, onde o peixe tinha fama. Nos bairros desde Campo de Ourique ao Poço dos Mouros os mercados abastecem os paroquianos. Tudo aquilo é fiscalizado pela Câmara Municipal de Lisboa.

Não entra num mercado o mais pequeno volume para ser vendido que não pague a sua taxa. Cada lugar é colectado, também, diariamente. Para isso lá estão os empregados do imposto metendo o nariz em tudo.

Mas Lisboa não se pode governar com esses mercados, que têm horário, e que às três horas fecham as portas, quando às onze já não há nada para vender. De modo que inventou os mercados das ruas, utilizados geralmente por aqueles casais que trabalham e, à saída dos empregos, compram o peixe já amanhado para fritir em casa.

Vê-se isso em Santa Marta, no cruzamento da Rua da Atalaia e Travessa dos Inglezinhos, no Largo das Fontainhas, a Alcântara, no Socorro, na Mouraria, num cotovêlo da rua do Capelão.

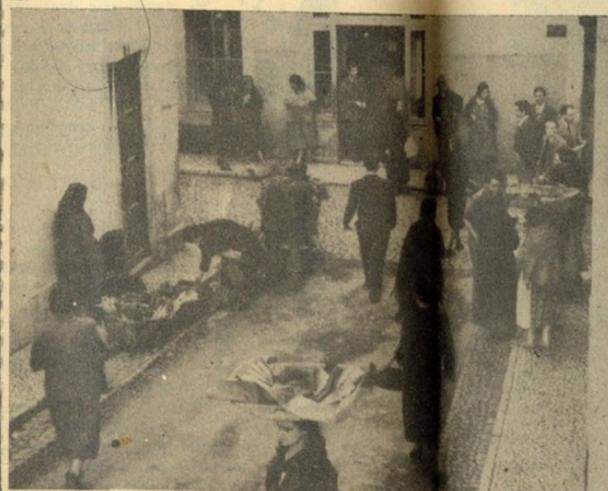
Há de tudo: boa hortaliça, bom peixe e boa fruta.

Dá a impressão dos mercados primitivos onde os saloios, chegados dos arrabaldes — Colares, Loures, Caneças e Malveira — estendam, na zona marcada, os seus produtos. E formava-se

(Continua na pág. 16)



As leis naturais da oferta e da procura também aqui têm o seu regulamento. Nada de abusos, nem para mais nem para menos. Então a mulherzinha não queria vender a sardinha a cinco escudos a dúzia, pelas seis horas da tarde?!



AS ESQUINAS NÃO SERVEM SÓ PARA OS DESOCUPADOS SE ENCOSTAREM. O POVO, FÓRA DO MERCADO, JÁ QUANDO AS PEIXEIRAS SE ARREPELAM POR CAUSA DO QUE SOBRA — FAZ A COMPRA MAIS EM CONTA...

Os senhores que têm lojas por ali não gostam que as mulheres se fiquem pelas portas à taramela ou na venda sem licença — porque o homem é mau e tudo lhe faz temer a concorrência...

Ali, no Bairro Alto, por volta das 6 horas, são tantas a comprar e a vender que parece dia de mercado na província. Há de tudo, que as modestas donas de casa já contam com o bater das horas em S. Roque e o chamariz das pechinchas...



O PERFUME PRONTO PASSA DOS PEQUENOS E PRECIOSOS BARRIS PARA OS PEQUENOS FRASCOS...

A SEMPRE ETERNA...

O "perfume" da França

RENASCE DAS SUAS FÁBRICAS... E VAI INVADIR O «BOUDOIR» DE MADAME

ESSE perfume capcioso, sensual, estonteante, que se evola dos lenços de cambraia e das rendas de Bruxelas foi, durante anos, quasi um produto francês. Certamente, os ingleses faziam-lhe concorrência. Mas o perfume da França misturava-se no espírito dos homens evaporado dos frascos do toucador de «Madame». De facto, os perfumes, como indústria, marcaram como grande «moeda» de câmbio: eram um belo produto de exportação, pago a peso de ouro: havia pequeninos frascos a quinhentos estudos e mais...

Quem não se lembra dos Lancome, Guerlain, Coty, Paton, Houbigant? Qual foi o homem que não desejou entontecer-se com uma mulher deliciosamente perfumada «à francesa»?

Enfim, a França que renasce, busca as suas fontes de trabalho — procura estabelecer a sua força, para conquistar o caminho do comércio externo. As fábricas de perfumes começaram a funcionar. E, como se vê, com lindas raparigas...

PARECE UMA LEITEIRA, TALVEZ, ATÉ EMPREGADA NUMA MANTEIGARIA, MAS É APENAS OUTRA OPERÁRIA FAZENDO UMA MISTURA MISTERIOSA...



Não está a tomar carapinhada. É uma operária química e está a provar, munida de uma «pipeta», a qualidade do perfume.



Esta outra operária-química também se dedica a estudos de laboratório. Com uma «pipeta» vê a graduação do alcohol.



As combinações químicas são um segredo de laboratório...



O perfume que a irá entontecer, «madame», está acabado...



**LOUIS JOUVET
REGRESSOU A PARIS
E TEM MUITO QUE
CONTAR...**



QUANDO a guerra ameaçava a França, portanto já em 1940, que foi o período doloroso da sua existência, uma grande caravana de

artistas desceu os Pirineus e transpunha a fronteira portuguesa. A frente, vinha Louis Jouvét, que o público conhecia da «Carroça fantasma» e de muitos outros filmes de grande êxito entre nós. Não era, porém, como actor de cinema mas de teatro que Jouvét se apresentava entre nós: ia a caminho do Brasil, com um grupo de bons artistas e dignou-se fazer algumas conferências em Lisboa — no Teatro Nacional. No Brasil, porém, a sua odisseia foi movimentada, depois de cumprido o contrato que o levava ali — mas sem documentação que o autorizasse a ficar. El-lo, enfim, de regresso à pátria. A foto dá-o na sua chegada a Paris, rodeado de alguns amigos — e, entre todos, um nome grande: Pierre Renoir.



POEIRA DO PALCO

*** Segundo se diz nos corredores e «caixas» de teatro, dentro de pouco tempo vão assinalar-se grandes surpresas no xadrez dos artistas.

*** Brunilde Júdice e Alveia da Costa puseram de parte a idéia de trabalhar, por agora, num dos teatros do Parque, com uma companhia de que fará parte Irene Isidro.

*** A grande actriz Adelina Abranches, que há três semanas dera uma queda desastrosa, já se encontra, felizmente, restabelecida.

*** Ainda nesta temporada deve ser representada, fora do Teatro Nacional, uma peça aprovada pelo Conselho de Leitura — além dos três originais obrigatórios — e que é subscrita por um autor muito representado e aplaudido.



Entre bastidores

O MARIDO DA ACTRIZ — Não vejo necessidade de estares a beijar o galá em todas as cenas...

A ACTRIZ — Oh! filho, tu, como ensaiador, havias de perceber que essas são as cenas que eu faço melhor!

FALAR DEMAIS...

**O JUIZO DAS PEÇAS
E OS ARTISTAS
QUE AS REPRESENTAM**



QUANDO Deus Nosso Senhor deu ao homem uma boca e uma língua — foi, principalmente, para falar. Mas acontece que nem sempre é conveniente que se

fale. Em teatro, principalmente, tudo depende, às vezes, de um bom silêncio — não daquele que prejudica a publicidade mas do outro que prejudica, tantas vezes, o êxito de uma peça. Aí, sim, o artista deve ser comedido. Como seria desonesto se viesse cá para fora dizer bem de uma peça de que não gosta, o melhor que terá a fazer é não dar pareceres. Acontece, também, que nem sempre o artista tem autoridade para avaliar do valor dessa peça, porque

lhe falta idade ou experiência, ou até mesmo cultura. Evidentemente, êste comentário não se reserva a alguém — mas a todos. Ainda aqui há um ano uma criança do nosso teatro se permitia fazer a crítica de uma peça em ensaios num dos nossos melhores teatros, como se falasse da última brincadeira com as bonecas. No entanto, essa peça era uma das melhores obras do teatro português moderno...

Pode o prestígio de uma peça depender do que os artistas, às vezes semi-analfabetos, venham dizer cá para fora dos ensaios?

O brio profissional e a boa ponderação reclamam que os senhores artistas sejam um pouco mais comedidos nas suas apreciações — principalmente quando são a dizer mil...

Rádio



QUI há tempos, a Agência Geral das Colónias, de colaboração com um grupo de caboverdeanos ilustres, promoveu, no Trindade, uma tarde cultural. Villaret, Maria Barroso, Emília Duque, ao lado de amadores, vieram trazer à gente de Lisboa uma mensagem magnífica do que são a poesia e a música caboverdeanas, através de belos versos — e alguns poetas foram revelados em muito superiores ao mérito de certos bardos incensados na metrópole. Mas, a par da surpresa poética, uma outra surgiu: a musical. E, aqui, uma intérprete se distinguiu: Rosa Figueira — uma jovem e graciosa crioula que cantava «mornas» numa voz dolente, cheia de um calor e de uma mágica beleza em que perpassava o hábito das próprias terras africanas.



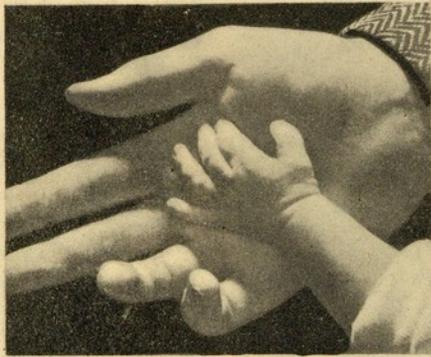
ROSA FIGUEIRA

**UMA LINDA CRIOLA QUE
SABE CANTAR «MORNAS»
E QUE VAI PARA A RÁDIO...
OU TALVEZ NÃO!**

cantar no seu idioma — sem precisar de imitar estrélas brasileiras. Vamos, então, ouvir na Hora de Variedades da Emissora a moreninha Rosa Figueira?



Os grandes bailados têm lá fora uma tradição notável e que encontra, nos artistas de hoje, uma expressão clássica, sem deixar de ser profundamente moderna e descritiva. Londres, Berlim, Paris, Viena, belas escolas de tradições vivas, deram-nos, antes da guerra, os mais maravilhosos espectáculos de baile. Nos casos de ópera, integrados nos grandes revistas, nos programas de «music-hall». Na foto, damas as irmãs Höpfer, duas das mais prestigiosas e graciosas bailarinas alemãs de antes da guerra.



O FUTURO DOS SEUS FILHOS
ESTA NAS SUAS MÃOS, O SEU
TRABALHO ASSEGURA-LHES A VIDA

O seu dever é garanti-lo contra todos os
possíveis desastres

Faça sem demora um seguro de vida e acidentes
pessoais na

PORTUGAL PREVIDENTE
CAPITAL DE RESERVAS 17 MIL CONTOS
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Sede: RUA DO ALECKIM, 10 — TEL. 24940
Delegações: PORTO, COIMBRA, BRAGA e FARO



SE é um bom aficionado, é capaz de nos dizer, num abrir e fechar de olhos, se este matador de touros é:

Manolete.
El Estudiante.
Cagancho.
Barreira.
Ortega?



QUAL será, das cidades que citamos, a que fica no lugar assinalado com uma pinta branca neste mapa?

Cairo.
Ankara.
Alexandria.
Florença.
Badajoz.

Se sofre das gengivas faça uma massagem com



Se quere ter os dentes sãos e belos lave-os com SULFADENTINA

Um livro que chegará
ao coração de
todas as mulheres

GUY DE MAUPASSANT



Fortes
como
a Morte

O mais belo de todos
os romances de paixão

A VENDA EM TODA A PARTE

HA MERCADOS EM LISBOA

(Continuação da pág. 12 13)

Sem portas nem sineta!

roda a ver quem mais dava, que aquillo era tudo para vender. As galeras despejavam-se — os repolhos, os nabos, o bom feijão arrematavam-se às sacas.

Os mercados ambulantes têm a sua vantagem para as donas de casa. E que elas sabem bem como, nestes tempos, é difícil governar o lar.

Pergunta-se, porém: Como é possível aparecer peixe nestas castrast, quando não o houve na praça? E que o frigorífico distribue de manhã — e a lota da sardinha e do peixe miúdo pode fazer-se a qualquer hora. De modo que as varlinas, às vezes, à hora das praças estarem fechadas, têm o peixe fresquinho que é um consólio.

Nestes mercados, sem portas nem sineta, onde os portais da vizinhança servem de banca e as vadeiras de aparatosas montras é que, afinal, ainda se pode regatear. Elas querem vender para baterem para casa, que têm a ceia à espera — e os compradores refilam que ali não há contribuições.



O mundo e o homem desconhecidos

MORREU Darwin, morreu Morgan, morreu Carrel — nasceu de cada um uma teoria nova, sempre atraente e destrutível pela ciência dos que vêm depois. E o mundo e o homem permanecem em grande parte desconhecidos, sujeitos às leis da natureza e a novas definições...

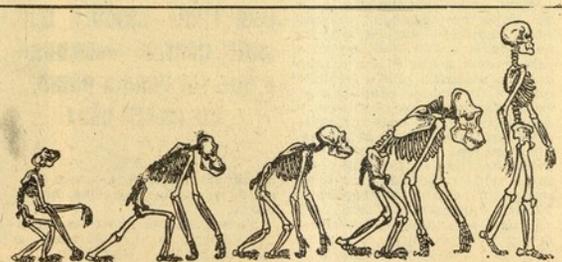
Que tema mais atraente, para a nossa curiosidade, do que este de desvendar — ou talvez não — os mistérios da vida e da morte?

Porque vivemos, donde vimos, para onde vamos e do que somos? A volta destas interrogações gravitam todas as investigações — porque, no fundo, é por elas que o homem se lança no desconhecido e desvenda outros mistérios mais imediatos do que esses que procura.

Orion y Anguera publicou, recentemente, um livro intitulado «Conceptos al día» e que é, realmente, curioso. Em lugar de directamente defender teses, põe os autores das várias teorias em discussão. E, assim, vemos Morgan discutindo com Darwin os problemas da criação e da relatividade humana; Malthus e Hauser defendem os seus pontos de vista económicos — a actualidade é flagrante — Haeckel e Hertwing — mestre e aluno — discutem; Einstein entra pacatamente no cemitério e conversa com um cidadão sobre física e matemática.

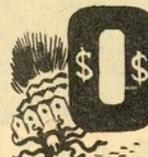
As duas fotos que vão junto desta legenda dão-nos as ordenações artificiais criadas por Darwin e que serviram para reforçar a tese de que o homem veio do macaco e não do barro, como diz a Biblia... ou mesmo do cão, como parece ter defendido Morgan.

Darwin, para chegar a esta conclusão, recorreu a dados anatómicos precisos — longitude e forma dos ossos, época da sua aparição na terra — não obstante a data dessa aparição pelo próprio Darwin ser impossível de precisar.





PORTUGAL é um Império e, pela constituição portuguesa, a pátria alarga-se para lá das fronteiras desta nesga europeia. O sr. dr. Marcelo Caetano, ilustre ministro das Colónias, quando há dias deu posse aos novos governadores da Guiné e S. Tomé, pronunciou palavras que revelam alguma coisa das inquietações do momento que passa: «é dever de quem governa preparar-se serenamente, em firme resolução mas sem optimismos enganadores, para o pior como para o melhor». Que ameaça paira sobre a terra portuguesa? Ele próprio o disse: por muita prudência que haja, as circunstâncias dos tempos próximos não podem tornar suave o exercício do poder. Quere isto dizer que toda a prudência é pouca e que, no respeitante à conservação da terra portuguesa, os problemas se revestem, à medida que o tempo passa, de uma maior acuidade. Como, porém, homem prevenido vale por dois, a nação confia no futuro do seu destino e no destino dos seus homens.



O problema da habitação — já não falamos das casas do pequeno burguês e das classes mais pobres, sobrecarregadas com o peso das altas rendas — continua em estado grave. De certo, muito se tem feito, no sentido de obter, para aqueles que estão condenados a não possuir verba para pagamento de alugueres — um certo conforto, um certo bem-estar entre quatro paredes. A verdade, porém, é que o problema não se resolve apenas com a cedência de habitações, para criar a felicidade do povo. Essa falta de possibilidades é apenas a consequência de um estado de vida deficitário: más condições de trabalho, trabalho mal remunerado, nível de vida deficitário. Esse, porém, é um problema que vem de longe, que já é centenário e que não pode resolver-se de um dia para o outro. Mas no dia em que possam dar-se condições de vida desafogada a quem trabalha — então, sim, o problema das casas deixará de existir: a renda passará a ser em proporção com os salários, e os bairros económicos pesarão, definitivamente, no orçamento geral de cada um não como uma consequência da vida deficitária mas como razão de um bem-estar proletário.

UMA ENTREVISTA COM ALVES REDOL A PROPÓSITO DE UMA NOVELA

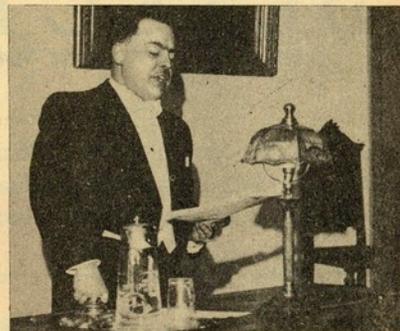
INTITULA-SE «Anúncio» e foi começada já há anos a novela que Alves Redol vai agora concluir. A esse propósito e a propósito de certas semelhanças com um trabalho que foi recentemente anunciado, o autor de «Fanga» virá dar-nos, no próximo número, uma entrevista muito elucidativa.



Recentemente, inaugurou-se o ciclo de conferências dos serviços agrícolas, presidindo o senhor sub-secretário de Estado da Agricultura. Foi conferencista o sr. engenheiro Botelho da Costa, que falou de «Os serviços agrícolas oficiais» e, no final, recebeu fartos aplausos.



Os inspectores do Banco Nacional Ultramarino reuniram-se, há dias, num banquete para festejar as suas bodas de prata. O banquete efectuou-se no Estoril e a êle assistiram elementos directivos do Banco. Eram cerca de 70 pessoas, entre as quais se encontravam inspectores do continente, ilhas e ultramar.



Oliveira Martins, cujo centenário de nascimento agora passa, está votado às injustiças do nosso tempo e não logra interessar quem de direito na comemoração desse centenário. Contra o esquecimento de todos, falou, há dias, na Sociedade de Geografia, o sr. F. A. Oliveira Martins, perante uma audiência que não atingiu, em número, a expressão que a envergadura do homenageado exige dos homens do nosso tempo.



A Sociedade Portuguesa de Estomatologia promoveu, há dias, uma sessão de homenagem à memória do sábio professor Dr. Tiago Marques. A sessão realizou-se na Ordem dos Médicos e foi presidida pelo bastonário daquela douta instituição, sr. dr. Freitas Simões, que se vê na foto com os srs. drs. Oliveira Duarte, Paiva Boléo, e Soares Santos. Ao fundo, vê-se o sr. dr. Pereira Varela, que foi o conferencista da noite.



UM GALARDÃO

O sr. Neto de Portugal, por proposta do sr. ministro da Educação, acaba de ser condecorado com o grau de cavaleiro da Ordem de Instrução Pública. O sr. Neto de Portugal é um paladino da instrução que tem levado a sua acção, principalmente, junto dos homens dos quartéis e das prisões. Actualmente, exerce as funções de professor na Penitenciária de Lisboa onde, em dois anos, conseguiu levar a exame duzentos alunos — tantos quantos haviam sido propostos — com o pleno aproveitamento de todos. O galardão do sr. ministro da Instrução não podia, por isso, deixar de encontrar o merecido eco.

ESTÁ SATISFEITA A SUA CURIOSIDADE!

DETECTIVE

PREÇO
1:50
AVULSO

REALIZAÇÃO LITERÁRIA DE REPÓRTER MISTÉRIO

aparecerá finalmente em Abril!

UM JORNAL ÚNICO
NO SEU GÉNERO
EM PORTUGAL

TERROR! ★ EMOÇÃO! ★ MISTÉRIO! ★ CRIMES!
HEROÍSMO! ★ ESPIONAGEM! ★ CRIMES CÉLEBRES!
REPORTAGENS! ★ INQUÉRITOS! ★ CONCURSOS!

Tudo isto e muito mais no 1.º número de

DETECTIVE

O GRANDE SUPLEMENTO POLICIAL DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

Distribuição gratuita aos assinantes desta revista.
Avulso: 1\$50. Faça desde já a sua assinatura e receberá duas publicações — em vez de uma!

ESTÁ ABERTA

A 3.ª

EXPOSIÇÃO DA PRIMAVERA
da

Galeria A. MOLDER

ná

Rua Nova da Trindade, 3-1.º

Patente todos os dias
das 11 às 13 horas
e das 14,30 às 19 h.

Esta exposição é composta
duma centena de quadros,
escolhidos na sede da

Galeria A. MOLDER

(R. 1.º de Dezembro, 101-3.º)

por

Mestre ALBERTO SOUSA

O Padre

TOMAZ BORBA E LOPES GRAÇA

(Continuação da pág. 7)

Houve um «psiu» prolongado. Tomaram-se os últimos lugares vagos. Os rapazes e raparigas que tomam parte nesta primeira série de concertos — foi a direcção artística que os convidou, o que representa uma distinção — aguardam a última indicação para entrar na sala de concertos e tomar os lugares que lhes foram reservados. O fotógrafo dispara a máquina, a campainha chama assustadoramente...

Val começar o concerto 459 da Academia.

José Carlos senta-se ao piano... Atenção, é o «Prelúdio e Fuga» em fá menor, de Bach...

Silêncio, muito silêncio!...

O padre Borba, que foi amigo de Teófilo Braga, segreda-nos então:

— Val ouvir Ravel. Eu compreendo-o. Acompanho os rapazes de todos os tempos. E os russos? Oh! eu adoro a música russa. Eu acompanho os novos e as idéias dos artistas novos. Parar é morrer. E os novos todos trazem uma nova mensagem... Oiça, oiça.

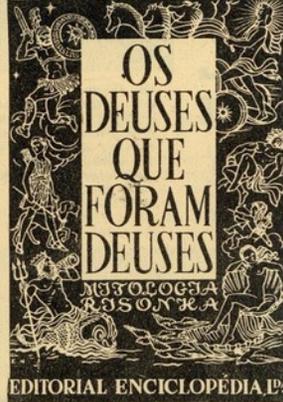


UMA NOITE FELIZ!

A CABOU o baile. Ele, está de licença. Ela emprega-se nas oficinas. Trabalha todo o dia. À noite, e justo que se distraia com o militar dos seus sonhos. Foram ao baile, dançaram, esqueceram que há guerra. Agora, que acabam de viver umas horas alegres — «Uma noite feliz!».

O MAIS SINGULAR...
O MAIS ATRAENTE...
O MAIS IMPREVISTO
DE TODOS OS LIVROS...

LUIS DE OTEYZA



À VENDA EM TODA A PARTE

Pedidos aos editores:

RUA ANTÓNIO MARIA CARDOSO, 33
LISBOA



RELAÇÕES

— Oh! filha, já te disse que não pude ver-me livre, mais cedo, do Bonifácio!

— Ah!... e o Bonifácio tem agora cabelos loiros e longos?



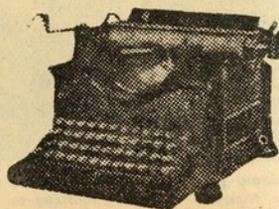
INGRATIDÃO

Negar cinquenta escudos a um amigo que, há mais de vinte anos, come todos os sábados em tua casa!

Cacilda Figueira

AV. ORIENTAL, 20, 3.º, Esq.
(Junto das Avenidas: Fontes
Perreira de Melo e António
Augusto de Aguiar)
Tem elevador Telef. 40909

CHAPÉUS ★ ALTA COSTURA



A. C. Cardoso

Reconstruções e reparações em
máquinas de escrever e calcular

ORÇAMENTOS GRÁTIS

COMPRA, VENDE E TROCA

RUA ANTÓNIO PEDRO 24, 3.º-Dir.

TELEFONE 52458

LEIA... E PASME!

PARIS, QUE AINDA ONTEM SAÍU DA GUERRA, TEM JA ORGANIZADOS SERVIÇOS DE PAZ QUE NÃO EXISTEM AINDA EM CERTAS CAPITALS PACÍFICAS...

DEPOIS de uma guerra-relâmpago que lhe tirou durante quatro anos a sua própria maneira de ser, Paris ressuscitou na glória da libertação. Foi ontem. A capital francesa recorda ainda os anos da ocupação, e não criou ainda condições de vida normal. Apesar de tudo, tem já montado o seu serviço permanente de médicos para chamadas nocturnas urgentes —

Par curiosidade — apenas por isso... — damos aos nossos leitores o funcionamento da organização, a todos os títulos modelar.

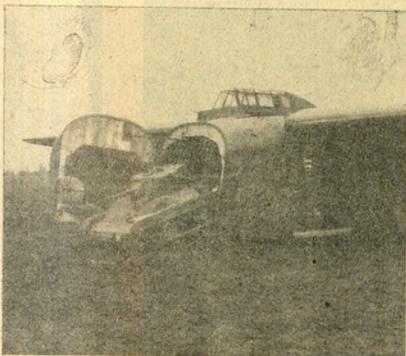
Em cada bairro há uma esquadra de Policia que, das 10 da noite às 6 da manhã, recebe telefónica ou pessoalmente as chamadas urgentes de médicos dos moradores da respectiva área. Para executar os serviços pedidos há 25 médicos, inscritos nessas esquadras conforme os seus domicílios, que são imediatamente notificados pela policia do nome e morada do doente.

Acontece que a maioria dos casos são chamadas de bairros pobres, embora, como é óbvio, também haja chamadas de pessoas abastadas, pois a doença não escolhe classes... E o complemento desta organização, no que se refere ao primeiro caso, é verdadeiramente prático: o doente não paga nem um centavo no acto da visita. O médico recebe, pela deslocação e pelo trabalho, 300 francos, que lhe são entregues na respectiva esquadra após a realização da visita ao doente; este paga apenas 50 francos, preço normal de uma consulta, que são cobrados posteriormente pela esquadra num prazo de harmonia com a situação material do doente assistido. Os outros 250 francos são pagos por um fundo da Policia, especial para este fim.

E aqui têm os leitores como Paris, ainda não sarada das feridas da guerra, trata já praticamente dos problemas da paz, tais como o da saúde da sua população.



É assim mesmo que os Aliados lhe chamam: o planador «monstro». E, pelo que se segue, achamos que com toda a razão. Os actuais planadores trouxeram um novo aspecto à guerra aérea — um grande desenvolvimento, mesmo. De custo muito barato, constituem uma arma utilíssima para a ocupação do território inimigo, quer transportando material, quer transportando exércitos. Enquanto estes descem do ar, como uma praga de gafanhotos, os planadores, rebocados pelos bombardeiros, posam no terreno e despejam um verdadeiro arsenal, abastecedor das tropas assim caídas do céu: armas, tanques ligeiros, e, até, «jeeps» — os famosos «jeeps» que, nesta guerra, são pau para toda... a obra.



O PLANADOR MONSTRO

**PARA A SUA
Curiosidade**



Uma médica de piquete, acompanhada pelo policia de serviço, apeia-se de um «táxi» à porta do doente.

1 Daqui, esquadra de Policia... O médico de serviço?... Diga a morada do doente... Muito bem... Dentro de dez minutos...

2 Pouco depois de ter sido chamado, o médico está à cabeceira da doente...

3 E agora, depois de uma injeção calmante, a doente passará bem a noite, até que no dia seguinte vá ao hospital ou receba os cuidados do seu médico assistente...



**UM VÔO DE
1.400 MILHAS**

EM Buckingham Gate — Londres — realizou-se, há tempos, uma exposição columbófila. Então, os londrinos puderam ver este pombo-voador «Per Arduas», que bateu um «recorde» mundial. A 28 de Novembro último, este pombo, que pertence ao exército britânico e que fôra enviado de Inglaterra ao Mediterrâneo, fugiu da sua nova gaiola e chegou de novo à Grã-Bretanha no dia 9 de Dezembro — com um vôo de 1.400 milhas!

Quem o sustenta, na foto; é Lea Rayner, chefe da secção de pombos voadores da R. A. F.

GOSTA DESTA COMODIDADE?



UM PROBLEMA GRAVE

O cinema nacional encontra-se a braços com um problema difícil. Um problema que não diz apenas respeito ao nosso País, e que se estende a todos, com inclusão da própria América — a falta de filme virgem. Pela primeira vez, nos Estados Unidos, se verificou, nestes últimos meses, o aproveitamento da mesma cópia para exibição em cinemas pouco distanciados uns dos outros. O filme virgem que a indústria americana consumia sem conta, passou a constituir, talvez, a preocupação n.º 1 das pessoas responsáveis. E o pior é que ainda se não descobriu nenhum sucedâneo ou «ersatz». A película tem que ser fabricada com matérias químicas essenciais ao esforço de guerra. Por outras palavras: a situação não tem probabilidades de melhorar, enquanto não findar a actual conflagração.

A princípio foram as dificuldades de transporte que originaram a escassez da película virgem no mercado nacional. «A Menina da Rádio», por exemplo, esperou quasi doze meses pela chegada a Portugal de celuloide indispensável. Agora, as razões da insuficiência são mais graves, porque têm a sua base nas diminuições da produção inutilizadas ou paralizadas as fábricas europeias a América, sôzinha, tem que prover o resto do mundo. A Espanha vem há muito lutando contra este fantasma, que pesa sobre a sua indústria. E procurou defender-se o mais possível, impondo até, para a dobragem, e consequente exibição dos nossos filmes, o fornecimento simultâneo da película para os respectivos trabalhos de laboratório. Mas o problema subsiste e vem sendo estudado seriamente a possibilidade de se montar uma fábrica para a produção da película virgem.

Entre nós, os pequenos «stocks» em poder de particulares, permitirão fazer face às necessidades dos tempos mais próximos. O abastecimento do mercado não se considera cortado ou suspenso, mas está sujeito a tôdas as contingências que enumerámos. E ninguém sabe como, quando e em que percentagem será provido.

Tôdas as diligências que possamos fazer-se no sentido de remediar este estado de coisas — não de verão ser proteladas. Os organismos oficiais directamente interessados têm que fazer ouvir, junto de quem de direito, os seus apêlos.

FERNANDO FRAGOSO



Hollywood manda-nos esta alegoria da Primavera. Uma Primavera do século XX, com repúdio evidente das formas académicas. Uma linda rapariga — Lorraine Day — com um «short» e uma blusa de linho, um grande chapéu de palha a sugerir um sol radioso — e um sorriso, um sorriso aberto, onde a alegria de viver parece espelhar-se, confiante e segura.

Alegoria da Primavera — alegria de sempre!

UM TRUQUE SENSACIONAL



A técnica do cinema caminhou com tal velocidade, que tudo é possível e fácil — nos domínios do espectáculo cinematográfico. No entanto, um dos truques de mais efeito até hoje levados a cabo na Cinelândia é este, que pode ver-se em «Fantasmas à Sólta»: Charles Laughton tirando a cabeça do seu próprio corpo com a sem-cerimónia e o à-vontade que revelaria em relação ao seu chapéu!...





1 A América acaba de realizar a versão de um filme que foi um dos grandes êxitos da cinematografia inglesa. Chama-se «Gaslight» e tem Charles Boyer no protagonista, no papel criado na obra original por Anton Walbrook. História mórbida, trágica, alucinante, é magistralmente desempenhada por Charles Boyer e Ingrid Bergman, a doce, a genial intérprete de «Intermezzo». Ingrid Bergman foi recentemente incluída no número das dez mulheres mais belas de Hollywood e afirma-se também que figura entre as três actrizes mais altas que pisam os estúdios da Cinelândia.

2 Antigamente, as vedetas de Hollywood, no que se refere a trabalho, só conheciam o do estúdio. Mas veio a guerra e os homens e as mulheres foram mobilizados quase totalmente.

A população tem que bastar-se a si própria, no capítulo do arranjo e amanho do lar.

E as estrélas — como os outros mortais — passaram a fazer aquilo que em tempo de Paz era tarefa do seu pessoal menor. A foto mostra-nos Irene Dunne entregue à faina de lavar o carro.

O bom tempo das garagens e postos de abastecimento com galãs de cinema prontos a substituir um pneu ou a reparar uma avaria — lembram-se do Garat, no «Caminho do Paraíso»? — pertence, de facto, ao mundo das operetas...

BOATOS E NOTÍCIAS SÔBRE O CINEMA NACIONAL

Os cafés de Lisboa são, fora de dúvida, o grande alforde de notícias, no que se refere ao meio cinematográfico português. É ali que o «reporter», interessado por conhecer a marcha da cinematografia nacional, poderá ir beber informações. É claro que há notícias verídicas e simples boatos. De resto, há filmes que começam por ser boatos. Assim, não procurámos confirmações ou desmentidos. E aqui tem o leitor o que ouvimos:

● Jorge Brum do Canto continua sem saber se fará, em primeiro lugar, «A Recompensa» ou «Ladrão, precisa-se...». A resolução do dilema está nas possibilidades de Arbués Moreira, o produtor do segundo, dar início imediato ao referido filme.

● «A Produção n.º 1» da Cinelândia chamar-se-á «Noite sem Estrélas» ou «Romance de Amors». A falta de título não impediu Carlos Porfírio de concluir o seu filme, que se encontra, na realidade, praticamente terminado.

● Armando Miranda vai começar, a seguir, nos estúdios da «Cinelândia», os interiores de «O José do Telhado». Fim do este filme, entrará em produção uma película que será dirigida, ao que se diz, por Felisberto Felismino, sócio daquela entidade produtora.

● Prosseguem, activamente, os trabalhos respeitantes ao «guião» de «O Trinca-fortes». A acção localizar-se-á em Coimbra, Sintra, Lisboa e no Oriente, embora a maior parte do filme se desenrole na capital. Na referida película participarão vários técnicos estrangeiros. O guarda-roupa virá de Espanha. E Pierre Schilde, o cenógrafo e decorador russo, autor das «maquettes» de «Inês de Castro», está já a trabalhar nos cenários do novo filme sobre Camões. É possível que o operador-chefe seja um italiano que já trabalhou em Hollywood.

● Aguarda-se a conclusão do argumento de «Resposta ao 327», para assentar, definitivamente, nos pormenores concernentes à sua produção.

A MODA EM HOLLYWOOD

ESTA foto é para vós, minhas senhoras. É de duplo interesse. É um magnífico retrato de Rosalind Russell — que os leitores poderão admirar com igual prazer — e apresenta-lhes um elegantíssimo fato de sala e casaco, que foi desenhado por Irene, a famosa figurinista da «Cinelândia». Sóbrio, distinto, o segredo da sua originalidade está nas setas, bordadas em côr clara, e combinam com a tom da fazenda. Para as que queiram copiar o modelo damos, à esquerda, o desenho de Irene, que poderão comparar com o modelo que «Roz» veste com tanta distinção.



ERA ainda há pouco uma criança... Vimo-la em muitos filmes, em papéis infantis. Nada devia à beleza, e era, até certo ponto, pouco graciosa e nada insinuante. Como os cisnes, a beleza surgiu com a idade. Tem hoje vinte e dois anos e é mulher de Jackie Cooper. Da garôta que foi, apenas ficou a recordação dos seus filmes. Preparem-se, leitores, para aplaudir Bonita Granville — uma rapariga que não desmente o nome...



PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

DAMAS

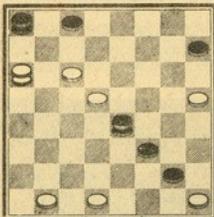
(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora (Espanha)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 49 (Problema)

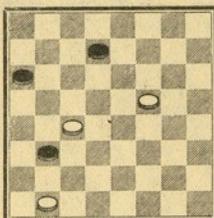
«La Provincia», 15/3/1945 (Las Palmas — Espanha)
Lema: «Lusiada XIV»



Mate em cinco.

COMPOSIÇÃO N.º 50 (Final artístico)

«La Provincia», 15/3/1945 (Las Palmas — Espanha)
Lema: «Damófilo VI»

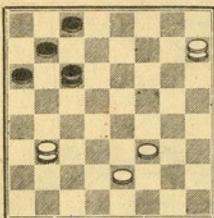


Jogam as brancas e ganham.

(Secção portuguesa)

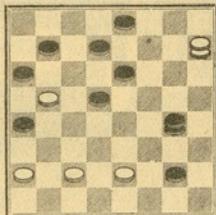
PROBLEMA N.º 15

Por Manuel Arrenga Padeiro (Chamusca)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 16
Por Rogério Fernandes (Melgaço)
(Dedicado a Xastro, de Melgaço)



Jogam as brancas e ganham.

CAMPEONATO POR CORRESPONDENCIA DE 1945

(Continuação)

Série M — António da Costa Santos (Santarém), Ernesto Lopes Frazão (Pernes), David Godinho (Ovar), José Maria Amaro (Vila do Conde).

Série N — Alfredo José Gonçalves Pereira (Melgaço), Jorge Granés (Lisboa), Arnaldo Flores Raposo (Beja), Joaquim José de Sousa (Santo Tirso).

Série O — Manuel Lopes dos Santos (Tôres Novas), António dos Santos Piedade (Abrantes), Augusto Machado dos Reis (Odemira), Mário Pinheiro (Santo Tirso).

Série P — Francisco A. Henriques (Almeirim), Albino Fais (Nelas), João Manuel Marques Carolino (Odemira).

FIM

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10

Por «Lusiada»

19-22	20-23	7-11	11-2
9-27 (d)	15-6 (b)	27-20	20-27 (a)
2-9	9-27	16-23	23-32
27-22	31-22	22-18	18-13
32-28	28-1	1-32	32-28
13-9	30-27	27-22	22-18

28-23 23-1 ganham.

16-20 2-24 24-11

a) 20-24 24-15 30-26 26-22

11-14 14-21 21-30 30-26

31-27 22-19 27-22 22-18

26-15 15-19 19-1 ganham.

18-13 13-9 ganham.

b) 16-27 7-3 e mate ao

27-20 15-6 (c)

fim de mais dois lances.

c) 11-20 20-23 23-28

31-22 22-19 19-15 30-27

palavras CRUZADAS

PROBLEMA N.º 11

(Concurso)

Por João Manuel Marques Carolino

(Nelas)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS:

1 — Cogitavam. 2 — Sem cotledones. 3 — Dispor por classes. 4 — Iludas; célula-mãe. 5 — Marulho das ondas (pl.); lugarejo. 6 — Irritar; cabelos brancos; graça. 7 — Escavaram; sossêgo. 8 — Altar; igualara. 9 — Remelosos. 10 — Rogaram; contr. de preposição e artigo. 11 — Alimentação (pl.); percebem.

VERTICAIS: 1 —

Acalmaram. 2 — Entusiasmar. 3 — Puhamos letreiro. 4 — Entesara; época. 5 — Amuletos; ralões. 6 — Gritos; ardor. 7 — Estar; involucros. 8 — Juntas; bebida sagrada. 9 — clamores; utensílios. 10 — Ruborizar-se; preposição. 11 — Morigeraram.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10

Solução

HORIZONTAIS: 1 — Apar; fula.

2 — Través; caruma. 3 — Pirueta; erótico. 4 — Oral; Erico; azar. 5 — Mas; amarela; aba. 6 — Antes; rim; lidar. 7 — Aónio; comer. 8 — Anco;

28-32 32-14 7-3 ganham.

27-22 15-11

7-12 (e) 12-26 20-23

d) 15-6 9-27 30-21 27-20

16-3

e) O dual que aqui se patenteia por 7-21 e 21-26 é de importância mínima, pois que a casa 26 é atingida em tempo igual em qualquer das variantes.

Nota — Este problema, acabado de

compor em 27-12-944, foi, até hoje, o

trabalho por mim produzido que

maior evolução sofreu até à forma

definitiva.

Uma das formas, a mais interessante

por que passou — B. 11-20-22

d. 4-16; P. 15-30-31 d. 9 — era curiosa

pelas pseudo-soluções por 20-23; 11-14

ou 4-8, mas teve de ser demolido por

dupla solução 22-26 e 4-8 e 8-22 e

20-23!

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11

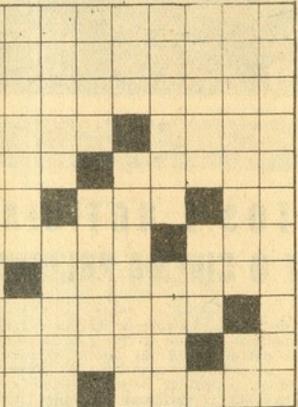
26-29 24-28 29-24 ganham.

9-2-11-20 8-22 P.

XADREZ

PORTUGAL-ESPAÑA EM XADREZ

No passado dia 10, iniciou-se, no Casino Estoril, o 1.º Portugal-Espanha em Xadrez, tendo assistido enti-

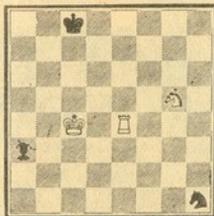


gana. 9 — Génio; linfa. 10 — Cónon; jus; meada. 11 — Aro; odoroso; cós. 12 — Lufa; lrara; fera. 13 — Apostar; tiritar. 14 — Ariano; editar. 15 — Orla; arar.

VERTICAIS: 1 — Poma; cala. 2 — Tirana; garupa. 3 — Arrasto; Enóforo. 4 — Paul; enamo; asir. 5 — Ave; asinim; tal. 6 — Retém; óco; Diana. 7 — Sarar; jóro. 8 — Íris; jura. 9 — Cecém; sorte. 10 — Farol; cal; saída. 11 — Uro; alónimo; rir. 12 — Luta; imane; fita. 13 — Amizade; faceter. 14 — Acabar; adorar. 15 — Orar, asar.

dades oficiais e um público entusiasta. Os resultados parciais do encontro, no dia em que escrevemos, são os seguintes, com 5 pontos a favor da Espanha e 3 a favor de Portugal: Carlos Pires empatou com Llorens; Gabriel Russel empatou com Francisco Perez; Rui do Nascimento venceu António Frias; Artur Pomar, de 13 anos, espanhol, venceu João Ribeiro, de 15; Francisco Lupi venceu o campeão de Espanha António Medina. João de Moura, Leonel Pias e engenheiro Nandim de Carvalho perderam com Juan Fuentes, Miguel Albareda e Martinez Mosete.

ESTUDO N.º 17



As brancas jogam e ganham.

SOLUÇÃO DO ESTUDO N.º 16

De H. Rink

1. Rg3, h5!; 2. e4, Rg1; 3. e5! dxe empatada.

UMA GOTTA DE «HERPETOL»
E O DESEJO DE COÇAR PASSOU. A IRRITAÇÃO E DOMINADA. A PELE REFRESCA-SE E O ALÍVIO COMEÇA

«HERPETOL»

E UM MEDICAMENTO SERIO E CERTO PARA TODOS OS CASOS DE ECZEMA (HUMIDO OU SECO), CROSTAS, FERIDAS, ERUPÇÕES, ARDÊNCIAS NA PELE, ETC. ATE HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00





VINHO do PÔRTO



AHORA DO ESTOMAGO



— Aqui tem: 3 gotas de leite e 9 gotas de ersatz...
— Oh! querida, obrigada por mim e pelo torrãozinho de açúcar para o Bobby!



— Patrão, como o leite é produto precioso, resolvi fechar bem todas as torneiras!



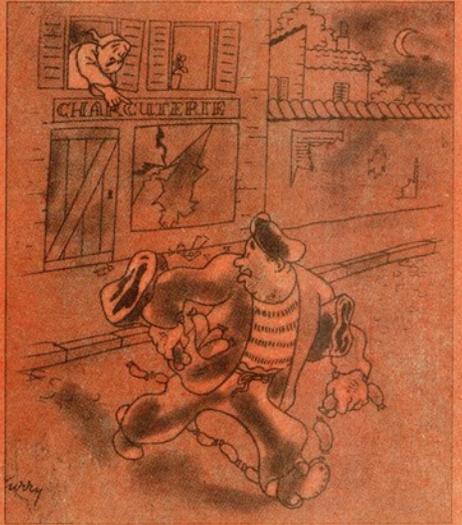
— Meus senhores, a situação económica do país é grave! Não se encontra um ovo no mercado!



— Veja, meu amigo, é assim que eu treino o nosso guarda-rédes, nos dias em que não há carne...



— Minha mulher fugiu com um pe-ralvilho...
— Homem, não te incomodes, esquece o desgosto!
— Como, se ela levou as minhas senhas de racionamento!



— Olá, meu amigo, olhe que se esqueceu de deixar as senhas do racionamento!